

# Intervenções para Comportamento-Problema em Crianças Pequenas com Autismo: Revisão de Literatura

Problem Behavior Interventions for Young Children  
with Autism: A Research Synthesis

*Journal of Autism and Developmental Disorders, Vol. 32, No. 5, Outubro de 2002*

Robert H. Horner  
Edward G. Carr  
Phillip S. Strain  
Anne W. Todd  
Holly K. Reed

Resumo e Comentário por Mariana Serrajordia Lopes e Rebeca Costa e Silva

O comportamento-problema é um aspecto complexo nos transtornos do desenvolvimento que merece a atenção dos pais, educadores e outros profissionais e pesquisadores. Podemos observar que o comportamento-problema afeta o aprendizado, a interação social, o bem-estar e a saúde de indivíduos com autismo e outros Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD). Justamente por tais indivíduos já apresentarem comprometimentos sociais e no aprendizado é que ficam vulneráveis a desenvolver esses comportamentos. *Uma vez que os comportamentos-problema se estabelecem no repertório de comportamentos de um indivíduo com TGD é improvável que os mesmos desapareçam ou atenuem-se na ausência de uma intervenção* (muito pelo contrário, é provável que tais problemas se agravem). Assim, fica evidente a necessidade de examinar o que se pode fazer em relação a isto em termos de intervenção, prevenção e pós-intervenção.

Foi feito um levantamento bibliográfico de pesquisas com referência à abordagem comportamental publicadas desde 1988 (e até o momento da realização da pesquisa pelos autores) que incluíssem indivíduos com autismo, e, também, um levantamento específico das pesquisas publicadas entre 1996 e 2000 que enfocavam intervenções comportamentais para crianças com oito anos de idade ou menos.

Porém, antes de nos dirigirmos aos resultados deste estudo, vamos nos deter em alguns pontos conceituais apresentados pelo mesmo para uma melhor compreensão do que seria uma intervenção comportamental.

*As principais contribuições desta abordagem para a redução de comportamentos-problema são a documentação dos mecanismos do comportamento que descrevem a relação entre os eventos ambientais e a ocorrência de comportamentos específicos e o desenvolvimento de estratégias específicas para mensurar mudanças no comportamento ao longo do tempo.*

Para compreendermos melhor como se dá este desenvolvimento de estratégias? no processo de intervenção precisamos pensar (em um primeiro momento) em quatro delas: *prevenção, avaliação funcional, intervenção abrangente e mudanças sistêmicas.*

Prevenção

Os primeiros procedimentos de intervenção se davam de forma reativa, ou seja, enfocava-se como proceder no momento ou imediatamente após um comportamento-problema. A **prevenção** vem se desenvolvendo e tem sido observado que estratégias que envolvem a *modificação do ambiente físico (em sua estrutura), do horário/rotina e currículo, dentre outros, podem alterar a probabilidade de ocorrência de comportamentos-problema.*

*Estas estratégias visam adaptar o ambiente às necessidades comportamentais do indivíduo em vez de modificar o indivíduo para adaptar-se ao ambiente.*

### Avaliação Funcional

*Avaliação Funcional é o **processo de identificar, de forma objetiva e confiável, as variáveis que predizem e mantêm comportamentos-problema.** Alguns estudos consistentes relatam que *as intervenções elaboradas a partir de informações obtidas pela análise funcional são mais prováveis de conseguirem reduzir comportamentos-problema.**

As etapas envolvidas neste processo são:

- a) **Identificar** o comportamento-problema (ou classe de comportamentos);
- b) **Formular hipóteses** sobre eventos que fidedignamente ocasionam e mantêm comportamentos-problema;
- c) **Testar/Confirmar** [ou refutar] a(s) hipótese(s); e
- d) **Elaborar uma intervenção** baseada na informação confirmada.

### Intervenção Abrangente

As intervenções abrangentes:

- a) **Abordam todos os comportamentos-problema exibidos pela criança;**
- b) **São orientadas pelos resultados obtidos pela avaliação funcional;**
- c) **São aplicadas ao longo de toda ou de boa parte da vida diária da criança;**
- d) **Normalmente incorporam vários procedimentos de intervenção; e**
- e) **Se adequam ao contexto em que são implantadas.**

### Mudança Sistêmica

A mudança sistêmica se reflete em três níveis:

- I. Nos resultados esperados pelas intervenções comportamentais, pois agora, além de reduzir a ocorrência de comportamentos-problema em um número limitado de contextos e tempo, espera-se que os resultados obtidos se generalizam em outros contextos e com isto se aprimore a qualidade de vida da criança, através do enriquecimento do aprendizado, das interações sociais e da participação da família na comunidade.
- II. No reconhecimento que para que as intervenções comportamentais mais efetivas sejam aplicadas nos âmbitos acadêmico e familiar, dentre outros, é necessário que os recursos financeiros sejam aplicados nestes objetivos.

III. Na necessidade dos adultos que fazem parte dos contextos imediatos da criança mudarem seu próprio comportamento como uma tentativa de produzir mudanças significativas e duradouras no comportamento das crianças com autismo.

Para os propósitos desta análise, definiu-se uma ?comparação? como um conjunto de dados que permitisse uma comparação dos níveis do comportamento-problema antes e depois de uma intervenção.

Foram obtidos nove estudos de acordo com os objetivos designados, com um total de 24 participantes e 37 comparações foram avaliados.

As 24 crianças tinham em média 57 meses de idade, sendo 86% do sexo masculino e 14% do feminino. O tipo e nível de comprometimento cognitivo variaram de retardo mental leve a severo e todas as crianças tinham diagnóstico de autismo.

Tipo de Comportamento-Problema: em 76% das comparações, o comportamento-problema mais frequente foi a crise de birra, seguida de agressão, estereotipia e autoagressão (levando-se em consideração que um indivíduo poderia apresentar mais de um tipo de comportamento-problema).

Avaliação: algum tipo de avaliação funcional foi conduzido em 68% das comparações. A forma mais comum de fazer a avaliação funcional foi a de entrevistar uma pessoa que conhecia a criança e depois confirmar a entrevista através de observação direta.

Procedimentos de Intervenção: as intervenções mostraram uma tendência a aplicar procedimentos baseados em estímulos (envolviam a alteração de eventos antecedentes à ocorrência de um comportamento-problema; mudar o currículo, por exemplo) e baseados em instruções (qualquer procedimento que envolvia o uso de instruções diretas para apontar comportamentos adequados).

Sessenta e dois por cento das comparações incluíram vários componentes de intervenção e a extinção (negar ou minimizar a entrega dos reforçadores que presumidamente produzem um comportamento) estava presente em 51 % das comparações.

Agente de Intervenção e Ambiente: em 62 % das comparações o agente de intervenção e o contexto de intervenção foram típicos. Observou-se uma tendência na ocorrência das intervenções em casa ou na escola e o agente de intervenção era tipicamente um pai ou uma mãe ou um educador.

Redução de comportamento-problema: **a redução de comportamentos-problema foi impressionante**, foi observada nas 37 comparações uma redução de comportamentos-problema em 85%.

Manutenção e Generalização: aproximadamente 67% dos estudos apresentaram algum tipo de dados sobre pós-intervenção, sendo o período médio de ?manutenção? de 12 semanas e o período mais longo relatado foi de um ano. Quanto à generalização (foi considerada generalização a redução de comportamentos-problema em contextos ou condições sem intervenção), foi examinada em dois dos nove estudos.

É importante saber que não se pode tirar conclusões com base neste estudo devido à pequena quantidade de trabalhos investigados, mas pode-se pensar no que este estudo sugere.

Uma estratégia eficaz para a redução de comportamentos-problema precisa levar em consideração toda a complexidade do sujeito com autismo (seus pontos fortes, como a orientação visual, por exemplo, e seus pontos de comprometimento, como a comunicação), considerar seu comportamento como fruto da relação entre o ambiente e

seu organismo, levar em conta as variáveis ou estímulos que afetam este comportamento e valer-se de avaliação funcional.

Também é imprescindível pensarmos sobre os papéis dos agentes de intervenção, que na sua maioria são pais e educadores, que ao trabalharem com o comportamento de uma criança com autismo precisam estar paralelamente trabalhando o seu próprio comportamento em relação à criança. Outro aspecto é a importância de abranger os contextos em que essas intervenções são aplicadas para aumentar os benefícios que serão proporcionados à criança com autismo, que possibilitam a ela uma qualidade de vida melhor (seja em meio acadêmico, em casa, na comunidade, etc.).

E, finalmente, fica muito clara a necessidade de desenvolver cada vez mais as estratégias e procedimentos de intervenção. A questão da manutenção e generalização é fundamental e tem sido pouco enfocada em intervenções e estudos. De modo geral, há uma carência de estudos que relatam **intervenções abrangentes** e com **avaliação funcional** quanto ao comportamento-problema em crianças com autismo